

---

## A POÉTICA DAS ESCRITORAS MATOGROSSENSES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX<sup>1</sup>

*Yasmin Jamil NADAF*<sup>2</sup>

RESUMO: Em *A Violeta*, revista de mulheres matogrossenses, encontra-se o maior volume de poesia feminina em Mato Grosso, na 1ª metade deste século. Sua leitura nos permite visualizar a simbiose perfeita que se estabelece entre essa produção poética e o Movimento Literário Romântico no Brasil. Este artigo propõe-se a apresentar os elementos dessa confluência.

UNITERMOS: Literatura e Imprensa de Mato Grosso; Poética Feminina; Romantismo.

Em 1916, mulheres matogrossenses fundaram o Grêmio Literário “Júlia Lopes”, fazendo circular a revista *A Violeta* para a “divulgação do seu ideário”, e “cultivo das letras femininas e patricias”.

De tiragem mensal, essa revista circulou possivelmente até 1950, e tornou-se o maior veículo de expressão do imaginário feminino em Mato Grosso. Vasta foi a sua produção, múltiplos foram os seus colaboradores e diversificado foi o gênero que se imprimiu em suas páginas. Cartas, pequenos contos, composições poéticas, artigos jornalísticos, preceitos, discursos, etc. se comprimiram para apresentar a sua variada temática que se estendeu do lirismo do amor, a política, a história, ao feminismo, a cultura, a religião, a moda para a mulher, a culinária, a campanhas educativas, de higiene e de saúde, a registros da sociedade matogrossense, e outros.

E é justamente em meio a essa estrutura emaranhada de *A Violeta*, que reside o maior volume de poesia feminina em Mato Grosso,

---

<sup>1</sup>Este artigo faz parte de um estudo mais amplo sobre a Escrita da mulher em Mato Grosso, que integra a minha Dissertação de Mestrado apresentada na Unesp, em 1983, e o Projeto que atualmente venho desenvolvendo no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR – da UFMT.

<sup>2</sup>Técnica do NDIHR/Universidade Federal do Mato Grosso — Cuiabá — MT.

na 1ª metade do século XX. Nela fomos buscar, portanto, o conteúdo necessário ao desenvolvimento deste tema.

O levantamento e análise dessa poética nos permitiu uma clara visualização da simbiose perfeita que se estabelece entre essa produção e o Movimento Literário Romântico no Brasil, em seus diversificados grupos do século XIX. Essa confluência é a leitura que se pretende dar aqui à essa produção, iniciando-se pela temática eleita, por essas escritoras, para a composição de seus escritos.

A lírica do amor, individual ou coletivo, foi uma constante em seus versos. As escritoras matogrossenses expressaram repetidas vezes os seus “amores”, de forma romântica e espontânea, tal como o fez Benilde Moura em seu “Poema do Meu Amor”, de onde foi transcrito os versos a seguir.

*É grande o meu Amor, é forte, é poderoso  
e é de duração eterna. Ele não morre.  
Existiu sempre. E existirá, porque surgiu  
das sombras do Silêncio, onde cresceu...  
Não foi alimentado de esperanças.  
E ninguém soube jamais se ele viveu.  
(A Violeta 301:9, de 30 de out. de 1943)*

Ao lado dos diversificados conceitos atribuídos ao amor, pelas escritoras, em suas produções, surgiram também os lamentos, a confissão da dor, da melancolia e da saudade resultante da perda do amor, ou da esperança pelo retorno da pessoa amada. Estado de espírito em parceria ao experimentado pelos nossos expressivos escritores do Romantismo.

Nessa linha, do mais radical lirismo amoroso, se destacou a produção das matogrossenses Maria Santos Costa e Antídia Alves Coutinho, toda ela impregnada desse sentimento triste, observável através do soneto “Soluços doridos” da última autora:

*É tudo triste! Em rápida lufada  
Passa o vento cantando em assobio...  
No céu, a lua pálida e cansada  
Rebuçada de nuvens sente frio...*

*Quanta tristeza! Aos golpes da rajada  
Treme a flor, geme o lago, brame o rio  
E a minh'alma soluça desolada...  
E o meu corpo tiritia em arrepio...*

*Lá, de um canto do céu, uma estrelinha  
Tão bela, quão sublime, tão sozinha  
Apaga-se tal qual um vagalume.  
E eu penso em ti, estivesses ao meu lado!  
E a minh'alma cessava o seu queixume,  
E o meu corpo se erguia ao teu agrado!  
(A Violeta 205:4, de 30 de abr. de 1933)*

Dessas escritoras, relacionamos ainda os títulos “Fico às vezes pensando no ‘porque’...”, “Indiferente”, “Cachoeira”, “Gosto de teu olhar...”, “Dilema”, “Estás tão longe!...”, “Adeus...”, “Foi o destino que assim quiz...”. “O meu amor”, “Destino”, “Velocino de ouro” e “Quem me dera, Senhor!...”, de Maria Santos Costa; e “Distante”, “Mágoas”, e “Renúncia”, de Antídia Coutinho que se concentraram no lirismo puramente pessoal, de estado d’alma melancólico.

Maria da Glória Novis foi outra matogrossense que não escapou a esse subjetivismo amoroso. Um dos seus poemas, “Meu Coração”, fala da dor resultante do conhecimento do amor:

*Meu coração foi como um campo lindo.  
Fresco, como as manhãs primaveris;  
Onde, de cada passo, iam surgindo  
Flores mui perfumosas e gentis.*

*Eu nesse tempo, não te conhecia  
E não sabia, pois o que era amor.  
Tinha a minh'alma plena de alegria  
Não supunha, siquer, que houvesse a dor.*

*Mas, eis, que veio o tempo da queimada,  
E o fogo, cruel e despiedoso,  
Destrói do campo a flora desmaiada.*

*Foi esse fogo a tua ingratidão,  
Que não deixou, nem do relval mimoso,  
A bonina, sequer, de uma ilusão.  
(A Violeta 230:8, de 31 de maio de 1937)*

Ainda com relação aos dois sonetos transcritos acima, é interessante que se observe o quanto a natureza ocupa um lugar de destaque em suas estruturas, provocando uma verdadeira correspondência e comunhão entre a paisagem e o estado de alma manifesto pelas escritoras. No primeiro soneto, tanto a “lua pálida e cansada”, como a “estrelinha tão bela, quão sublime, tão sozinha”, foram elementos que contribuíram para a evocação, pela autora, de seu amado e sua solidão. Já, no segundo soneto, será a “queimada”, um dos fenômenos responsáveis pela metamorfose da natureza, o recurso utilizado pela autora para a representação da mudança que também se opera em seu coração. Semelhante atitude pode ser lida no soneto “Há um rio” de Lilia Soares, que trata da semelhança entre o destino do rio e o destino de quem escreve o poema; e no poema “As estrelas”, de Benilde Moura, que se ocupa do significado das estrelas no céu como gotas de venturas, servindo para interpretar a graça angelical das almas puras.

Torna-se indispensável dizer aqui o quanto o sentimento da natureza traduziu-se de forma exaltada pelos adeptos do Romantismo, que dela se utilizaram, desde a sua fase inicial, ora para a revelação de estados introspectivos, tal como o fizeram as escritoras matogrossenses nestes exemplos, ora para a instauração do prazer estético da paisagem, ideário que também encontrou terreno na poética em evidência. Observem o poema “Luar do Rio Paraguai”, de Oliva Enciso.

*É noite. Há muito o Sol,  
Deitando no horizonte, levou os seus fulgores  
E o céu de anil atingiu das mais diversas cores*

*Tudo na sombra se envolveu e agora...  
Da lua a claridade embaciada e fria  
Imprime em tudo um tom de nostalgia.*

*Luz e sombra!... O sombrio da mata...  
As ondas do rio debruadas de prata...*

*Fecho o meu caderno e contemplo a natureza.  
Descrevê-la não posso, não me sinto capaz:  
Meu lápis já não corre,  
Não posso escrever mais.  
(A Violeta 250:8, de 31 de março de 1939)*

A nova marca atribuída a natureza pelo movimento literário romântico, como fonte de mistério contra a qual se debate inutilmente a limitação do homem, e que se contrapõe ao princípio neoclássico para quem a natureza deveria espelhar a própria verdade (real=natural), surgiu também na inspiração poética de uma matogrossense, na coleção em estudo. Maria de Arruda Müller, assinando com o pseudônimo de Mary o soneto “Vespertina”, questiona a ventania a respeito dos seus segredos:

*Que segredos me contas, ventania,  
Quando vens, sonhadora, tatarar  
As asas nobres como em litania,  
Dos coqueiros, ao sol que vai tombar!*

*Minh’alma te acompanha a louçania  
Com que vaes, com que vens, correndo no ar,  
Dizer carícias mil em harmonia,  
Com as endeixas que teces no pomar!*

*Tranças, destranças, irrequietamente,  
A coma verde-negra já silente,  
Como um adolescente enamorado...*

*Coração! Ninho! Sombra benfazeja!  
Também, da vida ao entardecer, lateja  
em ti a asa de um Sonho irrealizado!  
(A Violeta 174:6, de 31 de jan. de 1930)*

Não menos presente do pensamento de nossas escritoras, estiveram outros temas de destaque da poética do Romantismo. Enumeremos. A religião, ou melhor, o espírito de religiosidade, em “Natal” e “O milagre do Natal”, de uma escritora anônima que assinou sob o pseudônimo de Irma Plawasky, natural de Corumbá, e “Natal”, de Antídia Coutinho; o louvor à Pátria, em “Cidade Magnética” e “Cidade de Ouro”, de Oliva Enciso; a crença no progresso, em “Corumbá”, de Maria de Arruda Müller; a valorização da história, em “Muro velho” e “Campo Grande”, também de Maria de Arruda Müller, e “03 de Maio”, de Irma Plawasky; o sentimento de solidariedade, em “Humanidade”, de Maria Santos Costa; o desejo de evasão, em “Andorinhas”, de Regina Prado, e “Aspiração”, de Maria de Arruda Müller. Ainda desta escritora, publicou-se “Dor de Poeta”, que fala da missão de dor nesse ser, amplamente evocado e divinizado pela Escola Romântica.

Pela elucidação dos temas até então enumerados, evidencia-se, ainda, que a poética das escritoras matogrossenses impressa em *A Violeta*, na 1ª metade do século XX, foi similar ao ideário da “contradição”, ou “volúpia dos opostos” como preferiu chamar o estudioso da literatura, Antônio Candido (1975, p. 149), difuso no Romantismo. Nesta produção, como naquele movimento literário, permitiu-se a manifestação de sentimentos antagônicos, tais como sentimento de amor individual X sentimento patriótico; desejo de evasão X desejo de progresso, etc.

Esta tese encontra reforço ainda maior quando lemos o poema “Contradição”, de Maria Santos Costa. Nele, a autora que assina com o pseudônimo de Mascote, deseja ambigüamente, num único poema, o bem e o mal à vida do amado.

*Chego às vezes a odiar-te...  
Tão grande é o meu amor por ti  
chego a querer que te desprezem,  
que a calúnia recaia sobre ti  
e os amigos te fujam...  
só eu fique ao teu lado,  
e tu saibas então quando és amado!*

*chego a querer que fiques doente,  
muito doente...*

*e só eu possa te cuidar  
com o meu carinho e o meu amor..  
Desejos loucos passam-me na mente,  
vontade de magoar-te..  
de te fazer sofrer,  
por muito te querer.*

*Mas de repente  
remorso atroz, infinda mágoa  
meu peito invade.  
Tenho vontade de chorar..  
pedir a Deus que me perdoe,  
e não me ouça neste momento de rancor.  
Mentira! Não te desejo nenhum mal.  
E aos céus suplico,  
embora tenha que sofrer,  
que a mim reserve todo o mal  
que por destino te couber..  
(A Violeta 271:8, de 31 de dezembro de 1940)*

Extrapolando o nível da discussão em torno da temática presente na poesia feminina em Mato Grosso em evidência, e partindo para uma verificação do tratamento estético dado a essa mesma poesia, verifica-se outras constantes similares ao Romantismo. A opção por uma forma poética livre de expressão para a grande maioria das composições do volume pesquisado; o emprego constante dos sinais de pontuação, reticências e exclamações, ligados à efusões dos sentimentos; a utilização de uma linguagem metafórica; a busca pela melodia, pelo ritmo e pela rima no interior dos versos; e a aliança entre a linguagem romântica e a música, são exemplos que se podem enumerar para comprovação dessa similaridade. Dado curioso de se observar neste ponto, foi a preocupação das nossas escritoras em criarem seus versos para serem recitados. A própria revista *A Violeta*, que os publicou, informou a realização do programa cultural “A Violeta Falada”, onde a sua produção era lida, em grupo, pelas associadas do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, ao som de um fundo musical. Sabe-se da ampla difusão e pleno exercício da aliança entre a palavra escrita e a música pela Escola Romântica; fato que evidencia uma vez mais

a definição e adoção de uma linha literária única na poética das escritoras matogrossenses aqui considerada.

Vale lembrar que essa produção cruzou movimentos de vanguarda modernista em Mato Grosso, como o “Movimento Graça Aranha” e o “Movimento da Revista Pindorama”, ambos no final da década de 30, e não absorveu as suas propostas de renovação. Pelo contrário, optou pela fidelidade ao Estilo em voga no século anterior.

NADAF, Yasmin Jamil. Mato Grosso Women Writers’ Poetics In The First Half Of The Twentieth Century. *Miscelânea*, Assis, 2:221–228, 1995.

ABSTRACT: In *The Violet*, a Mato Grosso women’s magazine, it is found the biggest volume of female poetry in the state of Mato Grosso, in the first half of this century. Its literature allows us to visualize the perfect symbiosis established between this poetical production and the Romantic Literary Movement in Brazil. This article proposes to present the elements of this confluence.

KEY-WORDS: Mato Grosso State Literature and Press; Female Poetics; Romanticism.

### Referências bibliográficas

*A Violeta* (Publicação do Grêmio Literário “Júlia Lopes”). Cuiabá – MT, 16 de dezembro de 1916 a 31 de março de 1950, nº 1 a 333.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. 5ª ed. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, v.2.

GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

MENDONÇA, R. de. *História da Literatura Matogrossense*. Goiânia – GO: Rio Bonito, 1970.

NADAF, Y. J.. *Sob o Signo de Uma Flor*. Estudo da revista *A Violeta*, publicação do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.